

DF- Estrutural

ESTRUTURAL

Fiscalização insuficiente dificulta a remoção de barracos em áreas proibidas. Entulho é despejado ao lado do Parque Nacional

Fotos: Kleber Lima/CB/9.8.05



BARRACO ERGUIDO RECENTEMENTE NA ESTRUTURAL: PERSPECTIVA DE REGULARIZAÇÃO ATRAI AMIGOS E PARENTES DE QUEM JÁ MORA NA REGIÃO

Vaivém de invasores

DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

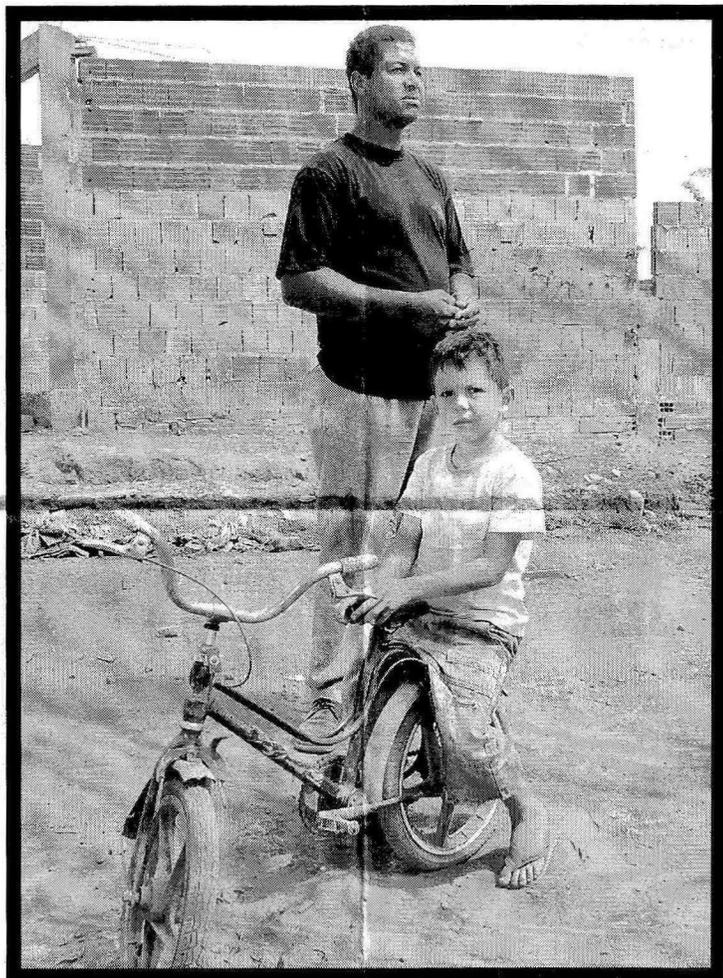
Além do impacto ao meio ambiente, um antigo problema dificulta a regularização da invasão da Estrutural: a chegada constante de invasores. Enquanto o governo tenta acelerar o processo para garantir o empréstimo do Banco Mundial, novos moradores desembarcam na região. A fiscalização não é suficiente para impedir o inchaço populacional devido ao tamanho da área. Barracos são demolidos e, no dia seguinte, erguidos novamente. Para piorar a situação, a invasão cresce em direção ao Parque Nacional de Brasília e ameaça as espécies vegetais e animais.

A família de Robson Fagundes da Silva, de 32 anos, é uma das 6,7 mil que vivem na região. Ele, que mora na área limítrofe com o Parque Nacional, assiste diariamente a chegada de novos vizinhos. "Não tiro a razão deles. São como a gente, não têm opção. Todos são pais de família que só querem encontrar

um lugar para morar", comenta Robson. Ele vive num barraco de madeirite com a esposa e um casal de filhos – o menino tem cinco anos e a menina, um ano.

De acordo com o chefe do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo), coronel Sérgio Puhle, o principal problema é o apoio e até o incentivo que os novos invasores recebem dos atuais ocupantes da Estrutural. "Com a perspectiva de regularização, alguns chamam familiares ou amigos e os acolhem no fundo dos lotes. Depois essas pessoas invadem algum terreno", explica Puhle. De julho de 2004 a fevereiro de 2005, 75 barracos foram retirados da invasão. Depois a vigilância manteve o monitoramento constante, como operações de desocupação pontuais.

O clima é de tensão constante. Na última semana, moradores de áreas vizinhas ao parque receberam uma notificação para deixar o local em 72 horas. O prazo venceu na última sexta-feira, mas ninguém obedeceu a determinação. "Não tenho local para ir e não vou para debaixo da pon-



ROBSON ASSISTE DIARIAMENTE À CHEGADA DE INVASORES: "GENTE SEM OPÇÃO"

te com meus filhos", diz Lurdes Pereira Lima de Moraes, de 43 anos. Assim como os demais moradores, ela promete resistir caso o governo tente desocupar a área.

Entulho

Se de um lado o problema social chama a atenção, do outro a questão ambiental se sobressai. A resolução 13 do Conselho Nacional de Meio Ambiente determina que a área dentro do raio de dez mil metros das reservas ambientais seja preservada sem construções. A zona de amortecimento, como é denominada, serve para diminuir o impacto da civilização no meio ambiente. "Com o avanço desordenado dos assentamentos, o contato humano com os animais silvestres pode provocar uma mudança comportamental e facilitar o contágio de doenças", explica o coordenador da Fiscalização do Parque Nacional de Brasília, Wilson Rocha Cardoso.

Pneus velhos, entulhos e lixos são despejados nos limites

da área de preservação, numa pista que cerca a reserva. Há dois meses, os fiscais do Ibama retiraram 800 toneladas de lixo da região. Até cadáveres foram encontrados no local. Para tentar preservar o parque, a estrada de terra foi interrompida com barreiras de terra, mas parte dos obstáculos foi retirada e o entulho voltou a poluir a área.

O administrador regional do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA), que abrange a Estrutural e a Cidade do Automóvel, Mário André Carvalho Machado, admite o surgimento de novas invasões, mas acredita que a situação está sob controle. "A principal dificuldade é a extensão da vila e a estrutura reduzida que disponibilizamos", comenta. Ele acredita que a solução para o problema está na integração entre os diversos órgãos envolvidos na questão. Ele garante que todas as invasões recentes serão retiradas quando o projeto de urbanização for concretizado.